

C Zoom // Educação sexual das crianças. Dever das escolas ou dos pais?

No próximo ano lectivo não haverá mais desculpas para não avançar com a educação sexual nas escolas. O que faltava, a regulamentação da lei, já está em vigor e a maioria dos professores vai usar o mesmo material pedagógico mandado reavaliar em 2005 por Maria de Lurdes Rodrigues. A polémica está de regresso às aulas

TEXTOS *Paulo Pinto Mascarenhas e Kátia Catulo*
FOTOGRAFIA *Pedro Azevedo*



01 Preservativo feminino tem a forma de um tubo feito à base de silicone com um anel na extremidade. É introduzido na vagina antes da relação sexual // **02 Preservativo masculino** serve de barreira à passagem do esperma para a vagina. Coloca-se no pénis antes da penetração // **03 Adesivo** transfere uma dose diária de hormonas através da pele para a corrente sanguínea // **04 Modelo peniano** // **05 Pilula**, através da acção hormonal, inibe a ovulação evitando a gravidez // **06 Dispositivo intra-uterino** é um pequeno dispositivo de plástico revestido com fio de cobre que é inserido no útero por um médico. Pode permanecer durante vários anos // **07 Anel vaginal** é um método contraceptivo hormonal feito de plástico, transparente e flexível. Colocado pela mulher, deve ser mantido durante três semanas // **08 Óvulos (espermicidas)** são compostos por substâncias que eliminam a mobilidade dos espermatozoides. São inseridos na vagina uma hora antes da relação sexual.
(Esta mala é parte integrante do kit para a disciplina de Educação Sexual)

01 Preservativo feminino tem a forma de um tubo feito à base de silicone com um anel na extremidade. É introduzido na vagina antes da relação sexual // **02 Preservativo masculino** serve de barreira à passagem do espermatozoide para a vagina. Coloca-se no pênis antes da penetração // **03 Adesivo** transfere uma dose diária de hormonas através da pele para a corrente sanguínea // **04 Modelo peniano** // **05 Pílula**, através da acção hormonal, inibe a ovulação evitando a gravidez // **06 Dispositivo intra-uterino** é um pequeno dispositivo de plástico revestido com fio de cobre que é inserido no útero por um médico. Pode permanecer durante vários anos // **07 Anel vaginal** é um método contraceptivo hormonal feito de plástico, transparente e flexível. Colocado pela mulher, deve ser mantido durante três semanas // **08 Óvulos (espermicidas)** são compostos por substâncias que eliminam a mobilidade dos espermatozoides. São inseridos na vagina uma hora antes da relação sexual.
(Esta mala é parte integrante do kit para a disciplina de Educação Sexual)



Educação Sexual. Mais de 70% das escolas públicas adoptam manuais polémicos

Educação Sexual é obrigatória e escolas adoptam material da Associação para o Planeamento Familiar

PAULO PINTO MASCARENHAS
paulo.mascarenhas@online.pt



A discussão sexual a duas vozes

Contra

- Não há liberdade de escolha: os pais não têm opção alternativa ao modelo imposto pelas escolas
- Maioria dos professores recebeu formação da APF, cujo papel pedagógico é contestado por associações contra o modelo dominante
- Embora não conte para a avaliação final, a Educação Sexual vai ser dada "transversalmente" em disciplinas curriculares e não curriculares

A favor

- Educação Sexual pretende combater as doenças sexualmente transmissíveis e as gravidezes indesejadas
- Encarregados de educação podem ir acompanhando a educação sexual dos filhos em casa
- Modelo de Educação Sexual é escolhido por decisão do Conselho Directivo, ouvindo Associações de Pais e Conselho Pedagógico

Sexo dificilmente será uma matéria pacífica, sobretudo quando está em causa a educação das crianças. "Estamos contra a imposição de um modelo obrigatório de Educação Sexual." Quem o diz ao i é Ana Cid Gonçalves, secretária-geral da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas, que defende "a liberdade de opção dos pais". Com a entrada em vigor da regulamentação da Lei 60/2009, a Educação Sexual passa a ser obrigatória nas escolas, através das disciplinas curriculares. Do outro lado da barricada, está o presidente da Confederação das Associações de Pais, Albino Almeida, que defende o carácter obrigatório da Educação Sexual, mas esclarece que "é igualmente obrigação e direito dos pais educar os filhos em casa".

O assunto promete criar polémica, uma vez que o modelo pedagógico e o material educativo é, na maioria das escolas, fornecido pela Associação para o Planeamento da Família (APF) – os mesmos que a ex-ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, mandou reavaliar em 2005, depois de um debate público. Segundo os números de Artur Mesquita Guimarães, coordenador da Plataforma Resistência Nacional, um grupo que reúne cerca de 800 pais, mais de 70% das escolas públicas já encomendaram ou estão a encomendar os kits de Educação Sexual à APF.

A Plataforma enviou um questionário aos estabelecimentos de ensino – e já recebeu a resposta de cerca de 200. O presidente Executivo da APF, Duarte Vilar, é o primeiro a assumir que o material didáctico da associação tem sido um dos principais recursos das escolas públicas e que, desde Setembro de 2009, foram vendidos mais de 1300 kits com informação e manuais reavaliados em 2007 por um grupo de trabalho indicado pelo Ministério da Educação que concluiu serem "excelentes".

Estamos perante uma guerra que começou em 2005, com um artigo publicado no semanário "Expresso", divulgando gravuras e imagens dos manuais da APF.

Questões como as da masturbação, da homossexualidade ou do aborto são respondidas através de exemplos práticos e desenhos figurativos. Recortar figuras de órgãos sexuais e identificar as diferentes idades a que correspondem ou um puzzle em que se agrupam figuras humanas nuas, são outros tantos exercícios propostos.

A Plataforma Resistência Nacional enviou em Maio passado uma carta à ministra da Educação em que afirma haver "pais que fizeram saber às escolas que não autorizam que os seus filhos participem em qualquer aula, acção ou aconselhamento relativo a 'educação sexual', sem o seu acordo por escrito, atempadamente solicitado pela escola" – uma situação a que "nem a Lei nem a sua Regulamentação dão resposta concreta". Mais: "Aproveitamos a oportunidade para lembrar que há pais que jamais vão aceitar a expropriação do seu dever e direito de educar, em particular em matérias que compromete-

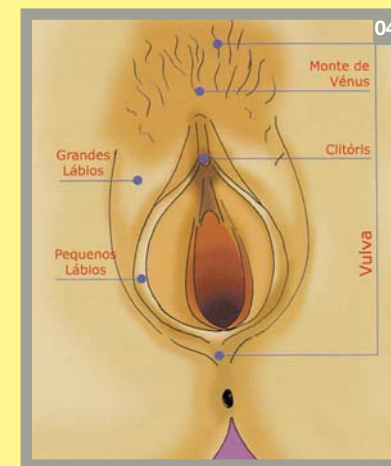
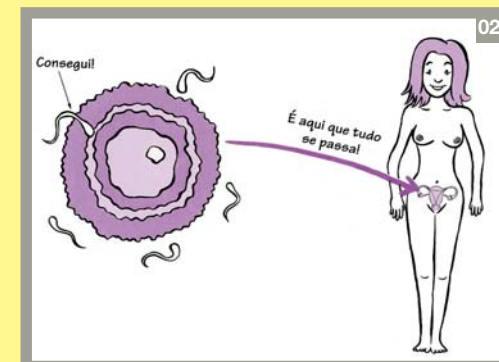
"Estamos contra a imposição de um modelo obrigatório de Educação Sexual", diz Ana Cid Gonçalves

tem as liberdades individuais, como é o caso do modelo único e de estado de educação sexual que querem impor." "Educação sexual obrigatória, não obrigado", diz ao i o coordenador da Plataforma criada em Junho de 2009 para combater a obrigatoriedade da Educação Sexual nas escolas. Artur Mesquita Guimarães acrescenta que o actual modelo "está impregnado da APF, não dizendo que o modelo é o da APF. Mas não há alternativas".

Duarte Villar reconhece que a APF tem sido a principal entidade formadora dos professores, em Portugal, mas esclarece que os conteúdos dos materiais didácticos e das acções de formação estão orientados "numa lógica de conhecimento científico e de diversidade moral". Julgamentos de valor não existem, esclarece o responsável; o que existe são valores promovidos na Constituição portuguesa, como a igualdade de direitos de homens e mulheres ou questões "consensuais" na sociedade portuguesa, tais como alertar para comportamentos de risco ou responsabilidade associadas à sexualidade: "O que não dizemos porque está fora das nossas competências é, por exemplo, que o início da sexualidade deve começar aos 16 ou 17 anos ou que a homossexualidade é melhor do que a heterossexualidade", rematou Duarte Villar.

Com Kátia Caetano

O QUE SE PODE ENCONTRAR NOS LIVROS



As frases

"Porque ambos estão muito apaixonados, o pénis do homem endurece e incha, de modo a poder entrar na vagina da mulher, que, entretanto, fica húmida e acolhedora. Chama-se a isto uma relação sexual"

A minha sexualidade
DOS 6 AOS 9 ANOS

"Mas o sexo também pode acontecer quando não existe amor. Isso é uma escolha pessoal, uma forma de estar na vida que devemos respeitar"

"As formas mais comuns de masturbação constam no acariciar dos próprios órgãos sexuais, ou seja, quando um rapaz acaricia o seu pénis ou uma rapariga acaricia a zona da sua vulva"

Educar para uma sexualidade harmoniosa
DOS 6 AOS 12 ANOS

01 A minha sexualidade

(Dos 6 aos 9 anos)
"O meu pai e a minha mãe, cheios de ternura um pelo outro, sentiam vontade de estar o mais juntinhos possível"

02 A minha sexualidade

(Dos 6 aos 9 anos)
"Depois de os meus pais terem feito amor, os milhões de espermatozoides do meu pai começaram a correr loucamente para ver qual atingia primeiro o óvulo da minha mãe. O que é interessante é que só um pode ganhar a corrida, só um pode seduzir o óvulo. Este é um pouco caprichoso, pois, habitualmente escolhe o espermatozoide mais saudável, aquele que mais lhe interessa."

03 Educar para uma sexualidade harmoniosa

(Dos 6 aos 12 anos)
"Quando um casal tem relações sexuais, mas não quer ter um bebé, deve utilizar um dos muitos métodos contraceptivos

que existem. Os métodos contraceptivos utilizam-se para impedir a gravidez, interferindo nos mecanismos que a originam."

04 Educar para uma sexualidade harmoniosa

(Dos 6 aos 12 anos)
"Ser virgem quer dizer que ainda não existiu uma relação sexual em que o pénis tenha penetrado a vagina. Há uns anos era valorizado o facto de as mulheres irem virgens para o casamento, funcionando o hímen como um 'selo de garantia'"

05 Educar para uma sexualidade harmoniosa

(Dos 6 aos 12 anos)
"A homossexualidade é uma das formas de expressar a sexualidade tal como a heterossexualidade e a bissexualidade. Ser homossexual significa sentir atracção, desejo e querer relacionar-se sexualmente com pessoas do mesmo sexo"

Guia para os pais das crianças

QUEM DEFINE O PROGRAMA?

O projecto de educação sexual de cada turma deve ser elaborado no início do ano lectivo pelo director de turma e pelo professor responsável pela educação para a saúde e a educação sexual. O plano é sujeito ao parecer do conselho pedagógico – onde estão representados os professores coordenadores de cada departamento, representantes de alunos e de pais entre outros. O projecto depende ainda do parecer do conselho geral de cada agrupamento – órgão composto por professores, representantes de pais e de alunos, autarquias, centros de saúde, psicólogos da escola, etc.

É POSSÍVEL REPROVAR?

Não. A educação para a saúde e educação sexual é uma área curricular não disciplinar, logo não está sujeita a avaliação. As escolas podem decidir se querem leccionar o programa numa ou em várias disciplinas sejam elas curriculares ou não.

OS PAIS PODEM REJEITAR A EDUCAÇÃO SEXUAL?

Não. Desde 2009 a Educação para a saúde e educação sexual passou a ser obrigatória. A carga horária anual deve ser adaptada a cada nível de ensino, não devendo "ser inferior a seis horas para o 1.º e 2.º ciclos, nem inferior a 12 horas para o 3.º ciclo do ensino básico e secundário".

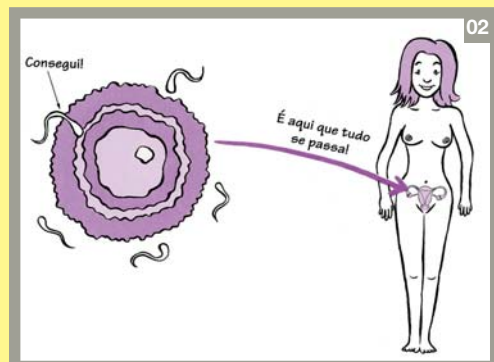
O QUE DEVEM CONTER OS PROGRAMAS CURRICULARES

A lei estipula para os primeiros dois anos de escolaridade o esclarecimento de dúvidas colocadas espontaneamente pelas crianças. No 3.º e 4.º anos, aborda-se a protecção do corpo e os limites a evitar. No 2.º ciclo, as orientações curriculares devem incidir nos aspectos emocionais e biológicos da puberdade, além da reprodução, contracepção, planeamento familiar, prevenção de maus tratos, entre outros assuntos. Do 7.º ao 9.º anos, explora-se a utilização e acesso aos métodos contraceptivos, fala-se da "dimensão ética da sexualidade" e como se deve proteger o corpo da violência e do abuso físico e sexual. Os comportamentos sexuais de risco são também abordados no 3.º ciclo. No Secundário, aprofundam-se assuntos já tratados e falam-se das consequências sociais e psicológicas da maternidade e paternidade na adolescência, além da questão do aborto.

O QUE SE PODE ENCONTRAR NOS LIVROS



01



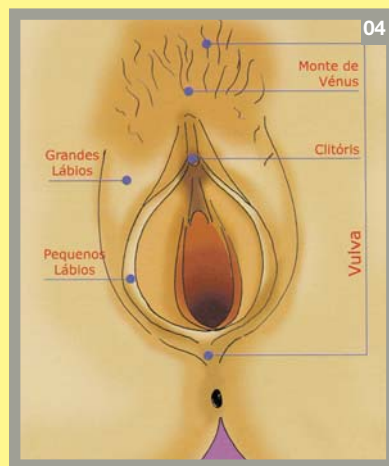
02



03



05



04

As frases

“Porque ambos estão muito apaixonados, o pénis do homem endurece e incha, de modo a poder entrar na vagina da mulher, que, entretanto, fica húmida e acolhedora. Chama-se a isto uma relação sexual”

A minha sexualidade
DOS 6 AOS 9 ANOS

“Mas o sexo também pode acontecer quando não existe amor. Isso é uma escolha pessoal, uma forma de estar na vida que devemos respeitar”

“As formas mais comuns de masturbação constam no acariciar dos próprios órgãos sexuais, ou seja, quando um rapaz acaricia o seu pénis ou uma rapariga acaricia a zona da sua vulva”

Educar para uma sexualidade harmoniosa
DOS 6 AOS 12 ANOS

01 A minha sexualidade
(Dos 6 aos 9 anos)
“O meu pai e a minha mãe, cheios de ternura um pelo outro, sentiam vontade de estar o mais juntinhos possível”

02 A minha sexualidade
(Dos 6 aos 9 anos)
“Depois de os meus pais terem feito amor, os milhões de espermatozoides do meu pai começaram a correr loucamente para ver qual atingia primeiro o óvulo da minha mãe. O que é interessante é que só um pode ganhar a corrida, só um pode seduzir o óvulo. Este é um pouco caprichoso, pois, habitualmente escolhe o espermatozoide mais saudável, aquele que mais lhe interessa.”

03 Educar para uma sexualidade harmoniosa
(Dos 6 aos 12 anos)
“Quando um casal tem relações sexuais, mas não quer ter um bebé, deve utilizar um dos muitos métodos contraceptivos

que existem. Os métodos contraceptivos utilizam-se para impedir a gravidez, interferindo nos mecanismos que a originam.”

04 Educar para uma sexualidade harmoniosa
(Dos 6 aos 12 anos)
“Ser virgem quer dizer que ainda não existiu uma relação sexual em que o pénis tenha penetrado a vagina. Há uns anos era valorizado o facto de as mulheres irem virgens para o casamento, funcionando o hímen como um ‘selo de garantia’”

05 Educar para uma sexualidade harmoniosa
(Dos 6 aos 12 anos)
“A homossexualidade é uma das formas de expressar a sexualidade tal como a heterossexualidade e a bissexualidade. Ser homossexual significa sentir atracção, desejo e querer relacionar-se sexualmente com pessoas do mesmo sexo”

Guia para os pais das crianças

QUEM DEFINE O PROGRAMA?

O projecto de educação sexual de cada turma deve ser elaborado no início do ano lectivo pelo director de turma e pelo professor responsável pela educação para a saúde e a educação sexual. O plano é sujeito ao parecer do conselho pedagógico – onde estão representado os professores coordenadores de cada departamento, representantes de alunos e de pais entre outros. O projecto depende ainda do parecer do conselho geral de cada agrupamento – órgão composto por professores, representantes de pais e de alunos, autarquias, centros de saúde, psicólogos da escola, etc.

É POSSÍVEL REPROVAR?

Não. A educação para a saúde e educação sexual é uma área curricular não disciplinar, logo não está sujeito a avaliação. As escolas podem decidir se querem leccionar o programa numa ou em várias disciplinas sejam elas curriculares ou não.

OS PAIS PODEM REJEITAR A EDUCAÇÃO SEXUAL?

Não. Desde 2009 a Educação para a saúde e educação sexual passou a ser obrigatória. A carga horária anual deve ser adaptada a cada nível de ensino, não devendo “ser inferior a seis horas para o 1.º e 2.º ciclos, nem inferior a 12 horas para o 3.º ciclo do ensino básico e secundário”.

O QUE DEVEM CONTER OS PROGRAMAS CURRICULARES

A lei estipula para os primeiros dois anos de escolaridade o esclarecimento de dúvidas colocadas espontaneamente pelas crianças. No 3.º e 4.º anos, aborda-se a protecção do corpo e os limites a evitar. No 2.º ciclo, as orientações curriculares devem incidir nos aspectos emocionais e biológicos da puberdade, além da reprodução, contracepção, planeamento familiar, prevenção de maus tratos, entre outros assuntos. Do 7.º ao 9.º anos, explora-se a utilização e acesso aos métodos contraceptivos, fala-se da “dimensão ética da sexualidade” e como se deve proteger o corpo da violência e do abuso físico e sexual. Os comportamentos sexuais de risco são também abordados no 3.º ciclo. No Secundário, aprofundam-se assuntos já tratados e falam-se das consequências sociais e psicológicas da maternidade e paternidade na adolescência, além da questão do aborto.